

## Verso e reverso: Teatro itinerante e outros teatros

Entrevista com Ben-hur Benvenuto de Almeida

**Fragmentum:** Herdeiro de Nhô Bastião, filho do velho palhaço Serelepe, descendente de uma família de artistas do circo-teatro, como se definiria Ben-hur Benvenuto de Almeida? Quais suas experiências, quais seus projetos profissionais?

**Almeida:** A minha experiência vem, exatamente, dessa família guerreira, que leva cultura por onde vai, respira teatro 24 horas por dia.

Morar em um teatro, apesar das dificuldades, tem suas vantagens... É uma vida sem rotinas, em que o aprendizado é feito diariamente. Você vê ali, no teatro, pessoas de várias gerações que trabalham/trabalharam juntas, você vê essas pessoas relatando sua vida em outras épocas, suas experiências pessoais e profissionais e isso é encantador.

A minha experiência vem deste espaço, lembro a época de criança, em que ficava coladinho nos bastidores e imitava quem estivesse em cena, fosse em um drama, fosse em uma comédia. Então, aprendi vivendo em uma faculdade de vida, estas coisas nos dão “bagagem”, aprendemos as manhas, as artimanhas, os improvisos...

O próprio teatro pertenceu ao meu avô, conheci-o apenas pelos relatos dos outros, não cheguei a vê-lo atuar, mas vi meu pai, minha mãe, meus tios, meus irmãos e fui me moldando, fazendo o que hoje sei fazer: teatro.

Meus pais e meus irmãos não pensam parar e eu espero que, um dia, consigam ajuda por parte do governo estadual ou federal, que financie este tipo de espetáculo, afinal é um dos poucos entretenimentos ainda disponíveis em cidades menores, carentes de cultura.

Meu projeto, agora, é fazer uma temporada de dois anos em um teatro itinerante que atua em Santa Catarina e com o qual já assinei contrato. Depois, não sei. Há vários teatros que gostaria de conhecer, na verdade, gostaria de conhecer todos os teatros itinerantes em ação no Brasil, mas é impossível!

Como fundamento de vida, acredito que não nos basta ficar sentados e esperar que a experiência de vida faça tudo. Nós devemos ser exigentes conosco e tentar atualizarmo-nos ao máximo, aperfeiçoando os nossos conhecimentos, para conseguirmos responder aos requisitos que, cada vez mais, este tipo trabalho exige.

**Fragmentum:** Você é neto de José Epaminondas de Almeida, o comediante Nhô Bastião, que, em 1929, deu origem à família artística, ao lado

da irmã Isolina e sob orientação do pai, Francisco Silverio de Almeida; você é filho de José Maria de Almeida, o palhaço Serelepe, que, nas décadas de 1960, 1970 e 1980, levou a alegria a várias cidades do Rio Grande do Sul, como é que um neto de palhaço, filho de palhaço, não optou pela mesma profissão?

**Almeida:** Pois é, isso é uma coisa engraçada... Nunca tive vontade alguma de me pintar de palhaço... Aliás, minha experiência com ele é terrível! Quando eu tinha uns 12 para 13 anos e minha mãe apresentava as matinês dominicais, à tarde, faltou uma pessoa para fazer o palhaço. Naquela ocasião, resolvi começar a minha carreira e falei: “Eu faço, mãe! ... Ela, coitadinha, teve a infeliz ideia de dizer que eu poderia fazer aquela experiência. Foi o começo e o final da minha carreira: foi horrível! Para simplificar o fracasso, basta dizer que as crianças não esboçavam a menor reação e eu tentava e tentava, experimentava tudo que vira meu pai e outros palhaços fazerem, mas nada! Minha mãe ria nos bastidores e acenava para que eu continuasse, ela parecia dizer: “Você está agradando”, mas, não tenho dúvida, agradei apenas a minha mãe... Boas lembranças!..

Desde então, me especializei em outras áreas, porque toda peça tem o palhaço, o escada e o centro que corresponde ao segundo palhaço (você pode dizer que ele é mais um comediante em cena, mesmo que não esteja caracterizado como palhaço). Depois daquela experiência desastrosa, eu passei a explorar este filão representado, nas cenas, pelos portugueses, pelos alemães, pelos italianos, pelos árabes e por aí a fora: ”Vida de *palhaço* é difícil. Não é fácil fazer todos os dias”, já dizia o palhaço Carequinha.

No ano em que retomamos a atividade do nosso teatro, em 1994, meu pai perguntou para os três filhos quem gostaria de assumir a função de palhaço. Eu, que sou o filho mais velho, o Marcelo e o Ulisses fomos convidados a decidir quem conduziria a tradição familiar e a tarefa coube ao Marcelo, que adotou o nome de Serelepe, e “ele está dando conta do recado”. Hoje, o palhaço Serelepe, figura que é encarnada pelo meu irmão Marcelo é bastante conhecido no interior do Rio Grande do Sul e, em 2004, inclusive, nosso teatro participou do Porto Alegre em Cena. Naquele período, entre os dias 11 e 26 de setembro, com a lona montada no Largo Zumbi dos Palmares, encenamos 14 peças, entre dramas sacros, teatro de revista, melodramas e comédias como “Serelepe, o falso conde”; “Serelepe, o soldado recruta”, “Serelepe, candidato a prefeito”, entre outros. Em todas as praças que visitamos, invariavelmente, o público pede a comédia, as pessoas querem rir e nada melhor do que um palhaço para fazê-las rirem.

**Fragmentum:** Para nós, estudantes da área de Letras, o teatro existe como texto: tragédia, drama, farsa. No entanto, para os artistas, o teatro tem

outras definições. O que é o teatro para um artista itinerante? Como você definiria o teatro itinerante?

**Almeida:** Eu definiria o teatro como algo mágico... Encantador... Devo tudo que sou ao teatro, ele me deu a vida que levo hoje. Minhas filhas estudam/estudaram em colégios de alto nível graças à condição financeira que o teatro itinerante me proporcionou. Hoje, tenho uma filha formada em Odontologia graças ao trabalho que, desde pequeno, realizei teatro itinerante... Então, para mim, ele é mágico...

Claro que eu reconheço a importância de um curso superior na área de teatro, sei que é desafiadora a experiência de aprender a fazer arte, mas a prática que aprendi, as observações que fiz atrás do cenário, no cotidiano das pequenas cidades, nas conversas com meus pais, com meus tios não têm igual. Não existe na igual ao mundo do teatro itinerante.

Acho que devo acrescentar as amizades que construímos nestes anos, já são 48 anos no Rio Grande do Sul – meu pai assumiu o teatro em 1962, na cidade de Cruz Alta, logo após a doença e, em seguida, ao falecimento do meu avô. A família Serelepe tem levado o teatro para quem não tem, facilitando muito a vida das pessoas em cidades sem diversão, além do preço que nem se compara com uma peça da capital... Quem pode fazer isso?? Somente o teatro itinerante. Então, se você parar e pensar, nos tempos em que não havia televisão, a nossa família representava uma das raras formas de diversão para as pessoas do interior, que, na nossa ausência, tinham apenas o rádio como companhia. É interessante pensar que, de alguma forma, nos preparamos o terreno, por exemplo, para as telenovelas e isso é mágico, isso é arte, e é bom fazer isso.

**Fragmentum:** Além de ator, sabemos que o artista do teatro itinerante exerce outras funções em seu dia a dia. Quais são estas funções? Qual a importância delas para o espetáculo que se desenvolve à noite, aquele espetáculo que o público toma conhecimento?

**Almeida:** Caramba... Eu já fiz de tudo, já fiz luz, som; já dirigi espetáculos, já fiz ponto. Adoro fazer cenários, este é um momento inspirador em que você libera a fantasia, a imaginação, nestas horas é possível criar, embora, não se possa negar que alguns teatros tenham dificuldades para enfrentar a mudança, não gostam de inovar – é um direito deles, mas o público merece cenários novos, ideias novas. Na verdade, acho que uma das inspiradoras deste lado criativo é a minha mãe, ela sempre costurou para o teatro, imaginou novos figurinos, novos detalhes para o cenário e sempre se preocupou em concretizar estas ideias, algumas são abandonadas, outras são

renovadas e existem aquelas que, tão bem aceitas, permanecem por muito tempo.

Todas as funções são importantes para o bom andamento do espetáculo, desde a cozinheira que prepara a janta para o ator – nós temos um caminhão-cozinha, em que as refeições são preparadas para todos os funcionários – passando pelo iluminador, pelo sonoplasta, tudo tem que estar em sintonia. Se você pensar bem, cerca de 20% de um espetáculo é por conta do pessoal de estrutura – luz, som – e todos precisam trabalhar com compromisso, certos de que são fundamentais para a continuidade do espetáculo. Acho que devo falar em outra função que você não citou: a cenografia. Minha mãe, já faz muito tempo, exerce esta função entre nós, ela tem um caminhão baú em que os acessórios são guardados, devidamente catalogados por peças. Ela foi arrecadando material ao longo dos anos, tem praticamente tudo que precisamos em cena, mas também conta com o apoio de empresas das cidades que visitamos. Além disso, minha mãe é costureira, roteirista – ela é autora de muitas peças infantis que encenamos e escreveu um texto que eu, particularmente, gosto muito. O texto faz parte da abertura diária dos espetáculos e, em um determinado momento, é lido: “ainda nos resta o direito de sonhar, de voar nas asas da imaginação, como num passe de mágica transformar nuvens negras em radiantes raios de sol, de esperança”.

**Fragmentum:** Como se dá o aprendizado: artístico, técnico, cenográfico do artista do teatro itinerante? Existem manuais que ensinam como ser ator, encenador, diretor, cenógrafo ou a experiência se faz na prática, no convívio com os mais velhos?

**Almeida:** É aquilo que falei antes: faculdade x a prática O aprendizado se dá porque, nós, filhos dos artistas, somos curiosos mesmo... Juntos, ajudando a fazer, vendo os antigos, fazemos a nossa formação. Para mim, se aprende no convívio. E, hoje, tentamos modernizar, ao máximo, para dar ao espectador a quase realidade.

Os mais velhos nem sempre estão dispostos a ensinar, aquele ensino em que você senta e explica como as coisas funcionam, porque eles também aprenderam a fazer as coisas porque observaram como elas são feitas e nos viram crescer com eles, vendo-os fazer. Muitas vezes, eles acham que a gente já sabe e que não é preciso explicar, detalhar e sabe que dá certo? Só que a opinião deles é importante para nós, uma sugestão, uma ideia são sempre bem vindas, dão mais segurança, tranquilidade em cena.

**Fragmentum:** Sabemos que teu pai e tua mãe continuam atuando. Qual é a importância dos mais velhos para a conservação do circo-teatro?

**Almeida:** Eles são tudo. Sem eles, os teatros, os circos não continuam. Cada teatro que ainda viaja o Brasil sempre tem os mais experientes, eles são a base de tudo. As companhias sempre têm um diretor, um produtor, mas a última palavra geralmente é dos mais experientes - se eles falarem que está bom, pode apresentar que agrada... Pode apresentar mesmo.

**Fragmentum:** Na tua opinião, na atualidade, qual é a situação do circo-teatro? Quantos teatros estão em atuação? Há público interessado nos espetáculos do circo-teatro ou é apenas uma novidade em cada nova praça visitada?

**Almeida:** O teatro itinerante é uma verdadeira gangorra, porque existem períodos em que estamos super bem, em um mês, já muda tudo, se pegamos uma praça ruim. Claro que uma praça ruim dificilmente será visitada novamente, a gente “vai marcando” para não voltar mais, enquanto isso, naquelas que são boas, a gente volta sempre. Nós costumamos dizer que já somos quase da família, às vezes, quando chegamos às cidades e há um problema com luz, água ou qualquer outra coisa, falamos “liga para o fulano ou para o sicrano”, amigos antigos da cidade em que estamos, pessoas que conhecemos em temporadas anteriores, e, nestes casos, tudo se resolve.

Acho que há público sempre para o espetáculo que apresentamos, porque se já estivemos em uma cidade, verificamos que existe o público interessado, aquele que vai para conhecer, mas existe aquele que já é tradicional, ela vai porque gosta mesmo, é fã. Estas pessoas já foram, assistiram aos espetáculos e, hoje, levam os filhos, os sobrinhos, os netos. É interessante, temos muitas histórias de casais que se conheceram no teatro, namoraram, casaram e, quando voltamos, trazem os filhos para conhecermos. Existem muitas histórias assim.

**Fragmentum:** Aliás, mencionando a questão das praças. Qual o critério para escolher uma cidade para apresentações. Vamos tomar, por exemplo, a nossa região. O teatro Serelepe, nos tempos em que era comandado por teu pai, esteve em Restinga Sêca no ano de 1971 e somente retornou em 2006. Por quê? Ao mesmo tempo, se, em 1971, outras praças da região, como Faxinal do Soturno, foram visitadas, o que determina o suposto “descarte” desta praça em favor de outras?

**Almeida:** Não existem critérios fixos, a gente vai para onde o fôlego e o dinheiro permitirem. Às vezes, vamos a convite de alguma prefeitura, eles nos pagam despesas de luz, de água; às vezes, vamos pela experiência naquela praça, pelo sucesso anterior. Talvez o critério do descarte seja o insucesso em uma temporada anterior, mas isso não quer dizer que a praça será abandonada.

Já houve casos em que planejamos um roteiro, quando estávamos preparados para uma determinada praça, o nosso roteiro era “quebrado” pela chegada de um circo ou um parque naquela cidade, então precisamos procurar alternativas, aumentar a temporada na praça em que estamos trabalhando, usar “praças de espera” até que a cidade planejada tenha condições de nos receber. Acompanhando a nossa trajetória, você poderá observar que, algumas vezes, tencionamos permanecer 45 dias em uma praça, mas ela dá bons resultados e ficamos 60, 70 dias. Na nossa vida não há muito espaço para planejamento, precisamos contar com muitas variáveis, mas o mais importante é satisfazer o gosto do público e garantir, claro, a nossa sobrevivência.

**Fragmentum:** Em cena, geralmente, o palhaço é a figura principal. Como se dá a marcação de espaço entre os demais atores que compõem uma peça?

**Almeida:** Nas comédias de costume, por exemplo, existem três peças chaves: o palhaço, o centro e o escada. O escada é aquele que prepara as coisas para o palhaço, já o centro, como o nome diz, é o centro da peça. Tome como exemplo “Serelepe e o louco da cidade tal”, o centro é o louco, o palhaço é coadjuvante.

Além disso, você precisa levar em conta a capacidade de improvisação dos artistas, alguns “ganchos” em cena podem ser usados, a gente aproveita para envolver a plateia ou outro personagem. Claro que, no caso de envolvermos a plateia, temos o cuidado de não ofender, não magoar, a pessoa está ali para se divertir e não para ser objeto de piada. Então diria que há certa liberdade de ação, mas, para que isto aconteça, é fundamental que haja entrosamento entre os atores. Como fazemos parte de uma família, não apenas o Teatro Serelepe, nós trabalhamos em outros teatros da família, temos certo entrosamento que foi se fortalecendo com a própria vida, pela observação, pelo conhecimento do temperamento da pessoa, pela capacidade que ela tem para o improviso e tudo isso entra em cena, tudo é aproveitado em favor do espetáculo.

Em algumas peças, você notará o ponto, que usamos quando ingressa um novo ator ou quando encenamos uma peça recém adquirida. Só que a maioria de nós conhece as peças encenadas e, mesmo os “brancos” que acontecem em cena podem ser usados como um “gancho” para uma piada do palhaço ou do centro, com tudo isso parece claro que a liberdade, a criatividade, o entrosamento estão na base do nosso trabalho. O Marcelo, meu irmão, que encarna o palhaço Serelepe, em muitos casos, por exemplo, debocha, ironiza o pontista e, para o público, parece que aquilo já estava ensaiado.

**Fragmentum:** Na maioria dos teatros itinerantes, observa-se o convívio familiar: a maioria dos atores são pais, primos, irmãos, cunhados. Como é esta convivência diária e em que medida ela afeta, positiva ou negativamente, o espetáculo, a encenação da peça?

**Almeida:** Olha, a convivência é tranquila, nossa vida é como a vida de uma família normal, nós temos as nossas briguinhas, os bate-bocas, mas acaba tudo se resolvendo em função dos espetáculos. Temos também a figura forte e ponderada do pai e da mãe que procuram aplacar os ânimos, conversar, ensinar. Tem um ponto positivo nesta convivência, você já conhece cada um, sabe exatamente o que o outro vai fazer, se bem que tem o ponto negativo, às vezes, a gente teve uma discussão com alguma pessoa, por um motivo ou outro, e, no palco, tem que contracenar com ela. Geralmente, o mal estar passa em nome da arte e do público, que não tem a ver com o que se passa por trás dos panos. Claro que, às vezes, a gente encena o personagem e, nos bastidores, o desentendimento continua, mas eu acho que isso é normal em qualquer local de trabalho, não é o fato de sermos irmãos, primos, cunhados que faz a diferença.

Você também pode pensar que o vínculo familiar tem sido a base desta história que começou em 1929, Nhô Bastião e Nh'Ana, sua irmã, começaram em lavouras de café do interior paulista. Depois, por muitos anos, trabalharam no Paraná e, mais tarde, eles separaram-se, cada um seguiu seu caminho com o seu próprio teatro, mas sem perder contato, ela casou-se com o palhaço Tareco e, por muito tempo, comandou o Teatro Nh'Ana. Meu avô trabalhou até que a idade e a doença não lhe permitiram mais, então o meu pai assumiu a companhia, seus irmãos mais novos continuaram estudando, os mais velhos se uniram e seguiram o propósito do vô, Nhô Bastião. Sinceramente? Se o vínculo familiar pode atrapalhar, na maioria das vezes, ele tem sido o principal elo que sustenta esta trajetória artística.

Entrevista realizada no dia 03/08/10, em Itaqui, RS.